

Educação

Dilema Contemporâneos

Volume III

Lucas Rodrigues de Oliveira
Organizador



Pantanal Editora

2020

Lucas Rodrigues de Oliveira
(Organizador)

EDUCAÇÃO DILEMA CONTEMPORÂNEOS

VOLUME III



2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora. Capa e contra-capas: canva.com
Revisão: O(s) autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto González – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume III / Organizador Lucas Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 282p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-30-7 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319307</p> <p>1. Educação. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. I. Oliveira, Lucas Rodrigues de. CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
 Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Contemporaneamente, a educação brasileira está envolta por tantas situações diversas, envolvendo todos os seus níveis e modalidades, que foi possível a composição desse terceiro volume da obra: “Educação: Dilemas Contemporâneos” – agora, há o foco no fazer pedagógico, diversidade na educação, racismo, histórias em quadrinho, educação em tempos de pandemia, entre outros assuntos.

Não há dúvidas de que a educação é muito complexa para, em qualquer momento da história, existir sem dilemas. Por isso mesmo é que o debate e as reflexões sobre o tema são sempre presentes no meio acadêmico. A escola, para cumprir seu papel social, precisa, sim, ser colocada em xeque – é preciso refletir sobre a educação!

Analisando o percurso histórico da educação nacional, não se pode negar que muitos avanços já aconteceram, mas não sem muita luta e empenho de educadores e outros agentes envolvidos com a escola e com a sua universalização. Por isso, as discussões acerca da educação não devem ser abandonadas.

A presente obra tem como objetivo oportunizar a vários pesquisadores, professores e estudantes momentos para contribuírem, de forma significativa, com reflexões acerca dos processos que envolvem a educação brasileira. Assumimos, desde já, que as questões que envolvem a contemporaneidade da educação não conseguirão ser esgotadas aqui!

Lucas Rodrigues de Oliveira

SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I	7
Diálogo, trabalho docente, interdisciplinariedade e o legado de Paulo Freire à educação emancipadora.....	7
Capítulo II	14
Militarização da escola pública: a solução dos problemas?.....	14
Capítulo III	29
A reforma no Ensino Médio brasileiro na visão de gestores de escolas da cidade de Ubá, MG ...	29
Capítulo IV	44
A Invisibilidade do tema sexualidade e gênero na vida das pessoas com deficiência	44
Capítulo V	54
Formação inicial de professores: concepções pedagógicas progressistas e aplicacionistas e a identidade docente	54
Capítulo VI	76
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores.....	76
Capítulo VII	97
Gênero e sexualidade na escola na era Bolsonaro: retrocessos e resistências	97
Capítulo VIII	119
PROEJA e Cultura Afro-Brasileira: Dicotomias visíveis a partir da Análise Documental	119
Capítulo IX	147
História, Filosofia e Didática das Ciências: uma análise a partir do Currículo dos cursos de formação de Professores em Ciências/Química	147
Capítulo X	159
Cartas do isolamento: reinvenção do existir	159
Capítulo XI	170
Como fazer escola sem estar na escola: reflexões pela ótica da complexidade.....	170
Capítulo XII	182
Riscos para a Educação mediante a agenda neoliberal no contexto da Pandemia do Covid-19..	182

Capítulo XIII	194
As histórias em quadrinhos como fomento para o incentivo e a formação leitora em tempos de pandemia	194
Capítulo XIV	206
Luiz Agassiz (1817-1873): racismo e eugenia na bagagem do viajante	206
Capítulo XV	239
O direito à educação na legislação brasileira e a judicialização da educação como garantia desse direito	239
Capítulo XVI	258
Grêmios de professores públicos do Paraná: O I congresso de professores públicos do estado do Paraná (1910)	258
Sobre o Organizador	278
Índice Remissivo	279

Como fazer escola sem estar na escola: reflexões pela ótica da complexidade

Recebido em: 15/08/2020

Aceito em: 22/08/2020

 10.46420/9786588319307cap11

Maria José de Pinho¹ 

Débora Cristiana Alves Soares de Albuquerque^{2*} 

Felício Cordeiro da Silva² 

Tenner Aires Rodrigues³ 

A PANDEMIA E A SOCIEDADE

O grande pensador francês Morin (2005), em suas reflexões, afirma que a humanidade vive uma crise de pensamento que está relacionada a nossa forma de ver e compreender o mundo, à maneira de agir, conviver e pensar.

Todavia, em 2020, a palavra crise está presente no cotidiano das pessoas, porque o mundo sofre com a pandemia, a COVID 19, causada, segundo dados dispostos no portal do Ministério da Saúde (2020), pela transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), detectado em Wuhan na China, doença letal que foi disseminada com muita facilidade em todos os países do mundo, fazendo com que medidas extraordinárias fossem tomadas, como o isolamento social, que levou à suspensão das aulas no Brasil e no mundo. Nas primeiras semanas, alunos e professores tinham a esperança de que a vida voltasse ao “normal” e que a rotina das escolas e as aulas seguissem como habitualmente.

Vale ressaltar que, em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (2020) alertou sobre casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China, porém foi em 11 de março de 2020 que a COVID-19 foi caracterizada como pandemia pela Organização Mundial de Saúde.

À luz dessa crise mundial, parece que esse “novo normal” tão aguardado por pessoas de todas as idades não chegará. Especialistas da área de saúde afirmam que a vida não será mais a mesma depois

¹Pós-doutorado em Educação e professora de Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, Brasil.

²Professora na Universidade Estadual do Tocantins, Câmpus Dianópolis e mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins, Brasil.

³Advogado, especialista em Direito Público, professor na Universidade Estadual do Tocantins, Câmpus Dianópolis-TO, Brasil e mestrando pela Universidade de Taubaté- Unitau.

⁴Advogado, especialista em Direito Público, professor na Universidade Estadual do Tocantins, Câmpus Dianópolis-TO, Brasil e mestrando pela Universidade de Taubaté- Unitau.

* Autor de correspondência: deboracristiana1@gmail.com

dessa pandemia e, ainda, reiteram que os hábitos da sociedade serão alterados. É claro que as pessoas buscaram se adaptar às restrições sociais impostas pelos órgãos governamentais e especialistas da área da saúde na tentativa de reduzir a transmissão do vírus, como o distanciamento social, a adoção de higienização das mãos, o uso de máscaras faciais, o isolamento de casos de contaminação, proibições de eventos e aglomerações.

A quarentena⁴ que se abateu sobre todos, comércio, empresas, famílias, igrejas e escolas, levou a sociedade a buscar novas formas de se organizar. Um novo cenário social que foi e tem sido momentos de sofrimento e com poucas condições favoráveis para as pessoas.

Em relação ao comércio físico, houve necessidade de muitas adaptações, os empresários buscaram meios para atrair o consumidor, bem como medidas de segurança dentro das empresas, visto que o cliente, retraído pelo medo de se contaminar, não iria adentrar as dependências da loja caso não se sentisse seguro.

No contexto atual, o segmento de alimentação também promoveu ações para aumentar o nível de confiança, como maior distanciamento entre as mesas, uso obrigatório de máscaras faciais, luvas e investimentos em *delivery*.

No setor financeiro, houve disponibilização de orientações para que pendências pudessem ser resolvidas via canais virtuais de atendimento, além de reforçar medidas de higiene seguindo o protocolo de limpeza.

Por sua vez, as igrejas e templos religiosos, também, foram obrigados a se adaptarem diante da pandemia, cancelando suas celebrações físicas e optando por transmissões online de cultos e missas, outros, na tentativa de fortalecer o vínculo espiritual dos fiéis, organizaram seus eventos em horários alternativos para que não houvessem aglomerações de pessoas em um só horário. E o aperto de mão, que era tradicional na entrada de algumas igrejas, assim como os abraços, foi substituído pela medição de temperatura e doação de máscaras.

Dentro desse contexto, para superação da pandemia da COVID-19, faz-se necessário o exercício da adaptação social, os hábitos higiênicos passam a ser orientados pela utilização do álcool em gel, pela assepsia das mãos com água e sabão, como forma de minimizar o contágio do vírus. Com esse cenário de incertezas, medo, angústia e contaminação crescente pelo coronavírus, os modelos de negócios e a vida das pessoas são mudados e adaptados de modo a dirimir a contaminação e combater o vírus que, apesar de ser invisível aos olhos humanos, está agindo, silenciosamente, de forma severa, causando perdas, luto e dor. Esse é o cenário que as sociedades vêm enfrentando, por isso é preciso o

⁵ https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020006702423&script=sci_arttext: “é a restrição do movimento de pessoas que se presume terem sido expostas a uma doença contagiosa, ou porque ainda não estão doentes, ou porque não foram infectadas, ou porque ainda estão no período de incubação, ou mesmo porque, na COVID-19, permanecerão assintomáticas e não serão identificadas” (Aquino, 2020).

reconhecimento das dificuldades e, sobretudo, conforme Santos (2020), “a pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII [...] É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica”. O autor nos mostra a dependência entre a humanidade e o planeta Terra que é lugar comum para todos os seres humanos e, então, há necessidade de cuidar e conservar nosso lar, que é a Terra.

Em meio a toda essa problemática, o vírus também agravou os problemas sociais antigos e existentes. Pessoas perderam o emprego, houve aumento da violência doméstica, conforme dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020). A situação agravou-se ainda mais para profissionais autônomos e trabalhadores informais, como as empregadas domésticas, pedreiros, pintores, vendedores de rua, ambulantes, que, por não terem salário fixo, precisam da renda do serviço diário.

Diante dessa situação complexa, em que se reverbera as dificuldades sociais, as escolas também estão se adaptando. De alguma forma, a sala de aula passa a ser experienciada nas casas de milhões de estudantes. No entanto, há lares com condições essenciais e ambientes propícios para aprender, pois os pais são escolarizados e têm condições para orientar e acompanhar seus filhos, por outro lado, temos lares com condições vulneráveis, que não possuem ambiente de estudo e nem equipamentos como computador, celular e acesso à internet. É nesse cenário de ambiguidades que será discutido o papel da escola em tempos de Covid-19.

Portanto, quanto à abordagem do problema, este trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa e, no que diz respeito à abordagem dos procedimentos técnicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica com objetivo de situar o debate acerca dessa temática e, assim, instigar reflexões sobre fazer escola e ser professor em tempos de pandemia.

A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO EDUCATIVA

Em tempos singulares como estes, estar em quarentena tem significados diferentes para diversas pessoas. Uns podem realmente usufruir do isolamento social, dado que, ao final do mês, têm renda fixa que supre as necessidades, mas outros não têm essa condição. Então, o isolamento social não é igual para todos e, por isso, no Brasil, a sociedade tem convivido com expressões do tipo: “normal”, “a economia não pode parar” ou “o Brasil não pode parar”.

Partindo desse contexto, a escola vem sofrendo algumas modificações, e muitas são as propostas de adaptações para atender a demanda imposta pela situação de isolamento social. Diversos formadores de opinião se apressaram em pronunciar orientações, conselhos e dicas de como fazer escola “sem estar na escola”. Secretarias municipais e estaduais de educação agilizaram normativas ditando como essas aulas deveriam ocorrer, conforme dados de Oliveira (2020), no livro “Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa”.

Morin (2005) é quem alerta sobre a forma padronizada e uniformizada que a sociedade tem se comportado. Vivemos em um mundo onde os problemas e as situações são vistas de forma dissociada devido à lógica do pensamento linear, fragmentado e isolado que comanda o modo de pensar sobre o mundo. Assim, por ação do pensamento linear, herança do pensamento cartesiano, diante do novo, do caos, da desordem e do inusitado temos dificuldades para conviver com binômios ordem/desordem, incerteza/certeza, vida/morte, autonomia/dependência. Então, percebemos que algumas pessoas, pelo modo de pensar de forma reducionista e uniformizada, não estão preparadas para enfrentar os problemas da vida.

Para este autor, a forma linear de pensamento aliada a um controle do poder político e financeiro, que apenas contempla interesses econômicos e imediatos, traz consequências para o destino das populações. Quais seriam essas consequências? A fome, a degradação da biosfera, a desigualdade social, a poluição, tudo em nome de um privilégio imediato. É preciso encontrar equilíbrio entre desenvolvimento econômico, tecnologias e o bem-estar social, o que parece uma tarefa difícil, mas que precisa ser realizada, considerando os diferentes contextos das comunidades, resguardando valores humanistas e planetários, enquanto ser que pensa no coletivo e no bem comum, capaz de transformar a realidade local e global que valorize uma política de humanidade e de sustentabilidade do planeta. Para tal, não existem receitas, nem manual, pois o pensamento complexo é uma forma de pensar em que “aprender a viver significa preparar os espíritos para afrontar as incertezas e os problemas da existência humana” (Morin, 2013). Ninguém conhece o futuro, mas é preciso encontrar formas para enfrentar essas incertezas.

No que diz respeito ao campo da educação, professores, gestores, pais e alunos estão experimentando alguns desafios. A sala de aula perde seu lugar “santo” na escola, ou seja, a sala de aula perde sua estrutura na tradição escolar, bem como suas rotinas e rituais que eram seguidos cotidianamente, “a função docente desempenhada dentro desse lugar garante limites com os quais professores, alunos e toda sociedade se habituaram, a partir dos quais se define o que é escola e, em decorrência, qual o papel esperado de professores e alunos” (Oliveira, 2020). Hoje, essa escola como espaço físico não é possível e, diante da necessidade de se adaptar, a sala de aula instala-se nos lares, o que pode acarretar grandes consequências para a educação.

Historicamente, a escola é uma instituição que tem princípios intencionais como a formação de um cidadão participativo, criativo, responsável, crítico, e isso pode se materializar na ação docente, em “seus planos de trabalho pedagógico, com objetivos, conteúdos, recursos didáticos e formas de avaliação”, assim enfatiza Castanho (2006), pois a escola é também responsável pela formação das pessoas. Para Meirieu (1998), questões sobre como ensinar, o que aprender, formar bons leitores, desenvolver o raciocínio lógico, socializar, pensar sobre currículo e didática, são processos bastante

discutidos nas escolas. Ela tem função social por meio dos valores e princípios intencionais e pedagógicos, pois como instituição social precisa garantir a socialização de conhecimentos.

Dessa forma, o ensino na escola vai além de reunir um grupo de pessoas e fazer intervenções individuais. A escola tem como missão a formação humana e a mobilização de saberes, sendo o professor, o profissional que vai além do mero ato de “dar aulas”, mas alguém que busca sentido para o que está fazendo e que aponta caminhos e, por isso, exige formação específica. Meirieu (1998) esclarece que o professor mobiliza conhecimentos específicos que estimulam o aluno a vivenciar situações de aprendizagem.

Se o papel do professor é fazer com que nasça o desejo de aprender, sua tarefa é ‘criar o enigma’ ou, mais exatamente, fazer do saber um enigma: comentá-lo ou mostrá-lo suficientemente para que se entreveja seu interesse e sua riqueza, mas calar-se a tempo para suscitar a vontade de desvendá-lo (Meirieu, 1998).

Percebemos, assim, que a escola e o professor têm tarefas específicas que devem ser planejadas, avaliadas e discutidas entre seus pares, pois é um espaço de formação política e social e seus processos de escolarização e socialização de conhecimentos exigem conhecimentos científicos e pedagógicos.

Mas, neste contexto de pandemia, muitas escolas têm optado pelo ensino remoto, o que levanta vários questionamentos sobre essa temática: o ensino remoto pode ser considerado escola? Como discutir ensino remoto em um contexto de desigualdades sociais? Como a sociedade de modo geral tem enfrentado esses desafios? É necessário refletir nesse horizonte de pandemia, de ensino a distância, buscando a compreensão sobre o papel do professor e da escola.

Se refletirmos partindo do pensamento complexo de Morin (2005), que defende a ideia de religar os saberes num ângulo de ampliar o foco para se ter uma visão extensa e ampla do conhecimento, compreendemos que compartimentar e seriar o conhecimento talvez não seja a melhor interpretação. Em uma visão global da realidade, é preciso entender que, na vida, tudo está interligado e conectado e, por isso, complexus “é o que tece em conjunto”, em uma constante busca para que a mente humana possa fazer associações entre os diversos saberes.

As ações, interações e os acontecimentos reconhecem não apenas a ordem, igualmente a desordem, dado que são situações que convivem com o acaso e com as incertezas e, conforme Petraglia (2000), “a complexidade incorpora as noções de ordem, desordem e organização, presentes em todos os sistemas. Ordem-desordem é uma relação inseparável que tende a estabelecer a organização”, na verdade, a intenção é que saibamos dialogar entre certezas e incertezas, entre a ordem e a desordem. A complexidade, para Morin (2005), associa conceitos de ordem, desordem e, assim, contrapõe-se ao pensamento linear e reducionista das ciências clássicas e destaca o pensamento em uma abordagem multidimensional, um pensamento que integra as diferentes formas de pensar. Por isso, a complexidade não pode ser compreendida dentro de uma lógica simplista e elementar, mas é um movimento de

organizar o conhecimento ao mesmo tempo em que inclui as incertezas presentes no cotidiano. É um constante exercício de pensamento que religa, que recria e que não tenta separar o que é inseparável.

O conhecimento, para Morin (2005), é uma aventura instável e incerta, “a sociedade nasce das interações entre indivíduos, mas com sua cultura, com seu saber, ela retroage sobre os indivíduos e os produz para se tornarem indivíduos humanos”. Ao relacionar a complexidade de Morin com a situação que a educação está vivendo em tempos de pandemia, parece-nos que há muitos especialistas enfatizando as vantagens do ensino remoto sem realizar aprofundamento das questões que o envolvem, sem considerar os contextos diversos das inúmeras famílias brasileiras. Isso significa pensar sobre qual escola pode ser oferecida em tempos de Covid-19, aquela que supere a memorização e exposição de conteúdos, a que atenda a todos e não exclua as diversidades.

Quando se questiona sobre “o ensino remoto pode ser considerado escola”, entendemos que é um esforço para analisar sobre problemas pedagógicos e estimular reflexões que acrescentem um outro olhar sobre a problemática. Esse exercício é uma das funções do professor, problematizar situações e colaborar para que todas as vozes sejam ouvidas. Nesse sentido, há sim preocupação com a aprendizagem dos alunos em relação ao ensino remoto. Esse distanciamento da presença física do aluno na escola pode suscitar também um distanciamento da mediação do professor em diferentes famílias, principalmente nas famílias em que os pais não são alfabetizados. Quando tratamos de uma família de classe média, em que os pais são escolarizados e há um ambiente propício para os estudos da criança, com mobiliário, equipamentos eletrônicos e acesso à internet, podemos pensar que essa criança terá mais condições para compreender as atividades que são repassadas para ela, mas e as crianças oriundas de famílias vulneráveis?.

É preciso compreender que ser professor é ir além de transmitir conteúdos, como bem explicou Freire (1996), o professor mobiliza conhecimentos técnicos, pedagógicos e didáticos para interagir com o aluno. A situação do ensino remoto é apenas uma emergência dentro de um contexto de pandemia, porém há muitas famílias em que os pais não conseguem acompanhar as atividades dos filhos, pois são pais que estão entre os dados negativos de analfabetismo. São pais que não possuem um ambiente da casa organizado e acolhedor, com equipamentos necessários para que seus filhos possam participar das aulas via google meet, por exemplo. A Figura 1 retrata bem essa discussão.



Figura 1. As desigualdades sociais e o ensino remoto. Fonte: Sindoif (2020).

Para as famílias vulneráveis, atividades do tipo: “hoje teremos piquenique online, leve bolo, biscoitos e vamos interagir”, ou “na atividade de hoje, você vai pedir para a mamãe ou papai ler um livro para você”, são atividades um pouco distantes da realidade dessas crianças. Essa é uma realidade cruel, contudo bem presente em muitos lares brasileiros e, para essas famílias em vulnerabilidade social, por exemplo, a atividade do “piquenique”, para os pais desempregados, é inviável, pois a luta diária é para garantir o alimento de cada dia, e gastar com guloseimas para fazer piquenique está fora da realidade. Por sua vez, na atividade de “ler um livro”, os pais que não são alfabetizados também não conseguirão fazê-la.

Concordamos com Meirieu (2020) quando aponta inquietações com o processo de aprendizagem dos alunos em tempos de pandemia. Grande parte das famílias, nesse contexto, está inquietas e temerosas de que o desemprego possa atingir seus lares, além de não estarem preparadas para lidar com os imprevistos que ocorrem em um processo que envolve situações de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, reinventar a escola não pode significar baratear o ensino e, muito menos, atrelar essa reinvenção a uma tendência tecnicista que atende apenas às pretensões mercantilistas. Temos alunos em processo de formação e que, ainda, falta-lhes autonomia para administrar o próprio estudo, assim, acreditamos que é necessário aprendermos a utilizar o ensino remoto não como forma apenas de transmitir conteúdos e para cumprimento de carga horária, mas com outras possibilidades, como estimular o aluno, fazer debates sobre os problemas que a sociedade está enfrentando, conversar sobre

o valor da vida, da família, falar sobre solidariedade, sobre relação humana, descobrir sobre a beleza da arte, da estética.

Concordamos com Morin (2005) sobre as incertezas e imprecisões que estão presentes no cotidiano e, por isso, não há nada pronto, certo e finalizado. Determinar métodos e técnicas pode favorecer ainda mais um pensamento linear. Assim, entendemos que, no momento emergencial que estamos vivendo, é preciso tecer reflexões sobre a questão do ensino remoto, discutir coletivamente sobre outras abordagens para garantir o processo de ensino-aprendizagem, considerando também as necessidades daquelas crianças que não têm acesso à internet. Nesse caminhar, não há receitas, mas há um olhar diferente de ver a situação, por isso Morin (2005) propõe uma reforma de pensamento, como uma tentativa de não termos decisões erradas e ilusórias das situações.

É preciso considerar os contextos sociais e familiares, e nasce aí a inquietação sobre o ensino remoto ser considerado por alguns como escola. Nesse quadro, algumas escolas têm adotado estratégias do tipo envio do caderno de atividades para crianças que não possuem acesso à tecnologia ou realizado ações sociais como envio de cestas básicas para essas crianças, mas isso tudo, ainda, são situações primárias que, por si só, não garantem a aprendizagem. Ensino remoto não é escola, mas uma situação paliativa para oferecer alguma interação entre aluno e escola.

Ponderamos em considerar o contexto do ensino remoto ou da educação em casa não poder ser considerado escola, porque a função social da escola amplia-se e propõe o trabalho com potencialidades do aluno e saberes que são mediados por um profissional da educação, que é o professor. Será que todos os pais possuem conhecimentos didáticos e pedagógicos para orientar seus filhos no que diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem? Entendemos que não podemos considerar que apenas o envio de atividades impressas, aulas online, cumprimento da carga horária, tarefas homogeneizadas, padronizadas e pré-determinadas, como as que evidenciam apenas um tipo de habilidade, possam assegurar a aprendizagem.

Fazer escola é algo que vai além das telas de um computador e ele, por si só, não atende ao objetivo de formar um cidadão que questione, que pense, que seja criativo, que respeite a si e aos seus semelhantes. Para Meirieu (2020), a figura do professor colabora para que o conhecimento seja compartilhado entre aluno e professor, isso é uma experiência que ocorre entre o “eu” e “nós”, porque escola acontece no coletivo. Claro que podemos interagir utilizando ferramentas tecnológicas, mas é necessário rever alguns princípios. A lógica da aprendizagem não pode ser fundada em princípios individualistas, mas em preparação adequada do professor no sentido de juntos construir um coletivo, e não pode ser um processo frio em que cada pessoa permaneça com seu computador e esteja indiferente ao que ocorre na comunidade.

Escola não é espaço para atender apenas uma demanda individual, mas é espaço de democratização, de acolhimento, de escuta, de vivências coletivas. É espaço que precisa romper com as desigualdades sociais se tornando local de oportunidades, de direitos e, por isso, mobiliza conhecimentos que se constroem em uma relação de confiança. Educação é processo que envolve relação humana e cooperatividade. Entra aí a competência técnica e científica do professor mediada pela “amorosidade” que é necessária à pedagogia, como Freire (1996) conclama pela busca de uma postura vigilante contra práticas de desumanização nas relações educativas. Ensinar não é processo de adestramento e adaptação, mas é uma especificidade humana, como diz Freire (1996), “é a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se” e está relacionado ao cuidado com a formação docente, a curiosidade do professor, da segurança que ele tem sobre o que está fazendo e do respeito que ele tem pelo aluno.

Numa outra vertente, Morin (2005) também faz esse chamamento no sentido de que o homem precisa, em seus atos, ter uma tomada de consciência de si e com o mundo, de sua relação com o outro e com a natureza. Pensar que a relação professor e aluno não é uma relação fria, vazia, mas assentada nos valores como fraternidade, sensibilidade, respeito e, por isso, destacamos algumas situações sobre a forma atual que o ensino remoto vem trazendo.

É preciso considerar que essa interação professor e aluno ultrapassa as telas de um computador. Não estamos aqui afirmando que a tecnologia é desnecessária, compreendemos as tecnologias como ferramentas, suportes e apoio ao trabalho docente, mas o protagonismo docente, bem como as relações humanas, a criatividade e o saberes pedagógicos são processos que precisam ser considerados e não podem ser embaçados pelas ferramentas tecnológicas. É preciso analisar os dados do Resumo Técnico da Pesquisa Trabalho Docente em Tempos de Pandemia, publicados pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2020), que destacam que 89% dos professores do Brasil não possuem experiência anterior em ensino remoto; 82% dos docentes estão realizando atividades de trabalho em casa e, ainda, o mais preocupante, é que 84% dos professores afirmam que o nível de participação dos estudantes nas atividades diminuiu durante a pandemia. Obviamente destacamos esses dados para mostrar que temos muitos desafios a enfrentar em relação ao ensino remoto e que toda essa situação precisa ser considerada.

Em relação à família, essa é parceira da escola, mas não substitui o papel do professor enquanto profissional que tem uma formação sólida, intencionalidade didático-pedagógica, domínio de conhecimento e de mediação. Claro que a família, nesse contexto de pandemia, tem uma função relevante, mas ela é uma aliada nesse processo.

O Brasil tem a educação como um direito de todos, mas sabemos que nem todas as famílias possuem as mesmas condições sociais, econômicas, culturais e até psicológicas para dar suporte a uma criança. É preciso lembrar que a escola e a família possuem diferentes funções e papéis. E, para assegurar o direito a uma educação democrática, também, é imprescindível que o trabalho pedagógico do docente não seja desvirtuado e descaracterizado.

Em relação ao professor, não pode se transformar em mero executor de programas de softwares. O processo de ensinar envolve autonomia, criatividade, autoria e relação humana. Obviamente não pregamos a retirada do ensino remoto. Não pretendemos isso, mas, sim, chamar atenção para o que está ocorrendo na educação nesse momento de surto e contágio pelo coronavírus, já que, no contexto de pandemia, não há muitas escolhas. Vidas humanas importam e essa situação exige cuidados essenciais.

Sobre a escola, compreendemos que é necessário e vital não se romper o elo de comunicação entre escola e aluno, pois é fundamental, mas é preciso lembrar que o sistema de ensino possui limites e, conforme Morin (2005), ainda temos dificuldades para analisar a complexidade (aquilo que é tecido junto) que a vida exige tanto pelo viés econômico, social ou pessoal. Ainda pensamos de forma isolada e estanque, uma consciência dividida em compartimentos e que faz com que muitas pessoas não consigam fazer as interconexões necessárias, assim, é preciso fazer uma leitura global do mundo e dos problemas da existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece compreensível que a pandemia trará grandes reflexões sobre compreender a vida e o mundo de forma interconectada. O isolamento social traz muitas considerações e é oportunidade para analisar aquilo que realmente é relevante e que deve ser considerado importante. O vírus põe em jogo os princípios da globalização e, fica claro, nessa situação, o que é útil, inútil, relevante, irrelevante, ainda, mostra os limites do consumismo, da corrida contra o tempo e do lucro desmensurado.

Parece notório que a pandemia possa ensinar sobre alguns valores que ficaram esquecidos em meio ao consumismo exagerado e apregoado pelas políticas neoliberais. Agora, mais do que nunca, é momento de valorizar a vida, a família, a amizade, a solidariedade, pois são valores essenciais para o ser humano. Momentos difíceis podem ser suportados se forem enfrentados em uma perspectiva de colaboração e, assim, esperamos que fique uma lição sobre tudo que a humanidade está vivenciando ante a maior pandemia do século XXI, em que a solidariedade se mostra como uma opção de sociedade.

No que concerne à educação em tempos de Covid-19, é importante ponderarmos algumas proposições:

- É necessário resistir a uma concepção de educação na visão comercial, porque educação é algo que ultrapassa os limites de uma tela de computador e envolve compartilhar conhecimentos, porque não podemos ficar limitados apenas às técnicas, o que significa ir além de manusear as ferramentas tecnológicas;
- Ensino Remoto não é escola. A escola é uma instituição social que tem intencionalidades em seus projetos e ações e precisa romper com as diferenças e desigualdades sociais;
- Escola não é só um local para aprender conteúdo. Escola é vida, é relação humana, é interação, é vivência;
- É preciso aprender a lidar com as incertezas, com o caos e a desordem. Na atualidade, os cenários empresariais, sociais e políticos são de incertezas, o que acaba exigindo formas diferentes de compreender a realidade e, por isso, nem sempre teremos uma única resposta pronta para tudo.

Todo esse contexto revela a necessidade de o homem tomar consciência de sua atuação no mundo, pois suas ações interferem na vida do outro, pois tudo está interligado. Estamos conectados, porém existem particularidades em cada pessoa que, também, precisam ser consideradas. Educação é a busca do crescimento das pessoas, realizada pela coletividade e as especificidades que permeiam a vida de cada um.

Para refletir, citamos um trecho da música “Como nossos pais”, de Belchior: “minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo, tudo, tudo, tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”, o que nos faz lembrar que a despeito de muitas inovações, da tecnologia avançada, de nossos avanços, ainda precisamos vencer dificuldades econômicas, sociais, políticas, pedagógicas, se realmente pensamos a educação em uma perspectiva de emancipação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aquino Estela ML, Silveira IHR, Pescarin JM (2020). *Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil*. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020006702423&script=sci_arttext. Acesso em: 09 jul. 2020.
- Castanho ME (2006). A dimensão intencional do ensino. In: VEIGA, I. P. A. (org.) *Lições de didática*. Papirus: Campinas. 160p.
- Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2020). *Resumo Técnico da Pesquisa Trabalho Docente em Tempos de Pandemia*. Belo Horizonte, jul. de 2020. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/73263-pesquisa->

- com-mais-de-15-mil-professores-da-rede-publica-aponta-as-condicoes-de-trabalho-para-desenvolvimento-de-aulas-remotas-durante-a-pandemia. Acesso em 09 jul. 2020.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020). *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19*. ed.2, v.5. São Paulo, 2020. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19-edicao-02/. Acesso em: 09 jul. 2020.
- Freire P (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 144p.
- Meirieu P (1998). *Aprender sim, mas como?* Porto Alegre: Artmed, 198p.
- Meirieu P (2020). *La escuela después... con la pedagogia de antes?* Movimento Cooperativo de Escuela Popular. Disponível: <http://www.mcep.es/2020/04/18/la-escuela-despues-con-la-pedagogia-de-antes-philippe-meirieu/>. Madrid, abril de 2020. Acesso em: 08 jul. 2020.
- Ministério da Saúde (2020). *Sobre a doença*. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 09 jul.2020.
- Morin E (2005). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina. 120p.
- Morin E (2013). *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 583p.
- Oliveira SRF (2020) *Escolas em quarentena: o vírus que nos levou para casa, 2020*. Disponível em: https://www.editoramadreperola.com/wp-content/uploads/2020/07/ebook_escolasemquarentena_.pdf. Acesso em: 02 jul. 2020.
- Organização Pan-Americana da Saúde- Brasil (2020). *Folha informativa. COVID-19* (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 09 jul. 2020.
- Petraglia I (2000). Complexidade e auto-ética. *EcoS - Revista Científica*, Uninove, São Paulo: v. 2 n.1: 9-17. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=view&path%5B%5D=183>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- Santos BS (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Edições Almedina, S.S, Coimbra, 2020. Disponível em: <http://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/2020/04/19/cruel-pedagogia-do-virus-livro-em-pdf/>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- Sindoif- Seção Sindical do Andes-Ifrs (2020). *Imagem utilizada de Educação inclusiva e de qualidade não cabe em uma tela*. Disponível em: <http://www.andes.sindoif.org.br/2020/06/07/a-educacao-inclusiva-com-qualidade-nao-cabe-na-tela/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SOBRE O ORGANIZADOR

LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agassiz, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235
aluno, 11, 23, 24, 33, 36, 38, 39, 62, 86, 87, 104, 130, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 187, 188, 189, 195, 200, 201
análise de conteúdo, 119
aprendizagem, 15, 16, 22, 23, 26, 30, 40, 55, 56, 60, 67, 68, 73, 78, 79, 81, 82, 83, 86, 87, 89, 103, 109, 112, 142, 147, 153, 154, 155, 173, 174, 175, 176, 185, 186, 187, 188, 190, 194, 195, 201, 202, 203, 204
avaliação, 20, 24, 33, 41, 68, 82, 102, 105, 115, 142, 153, 172, 210, 254

B

BNCC, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 76, 77, 79, 80, 81, 83, 86, 106, 107, 108, 111, 112
Brasil, 3
burguesia, 206, 208, 210, 220, 230, 231, 257, 260, 261, 263, 268

C

cartas, 158, 164, 167, 240
coletivo, 10, 66, 83, 91, 104, 114, 142, 165, 167, 172, 176, 252
colonização, 29, 221, 225, 233
complexidade, 16, 80, 84, 93, 99, 114, 169, 173, 174, 178
cooperatividade, 177
Covid-19, 7, 159, 164, 165, 180, 191
cultura, 10, 18, 19, 26, 37, 60, 67, 69, 70, 71, 77, 80, 82, 85, 86, 90, 110, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 128, 129, 130, 132, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 151, 154, 174, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221,

222, 228, 234, 235, 237, 248, 255, 256, 262, 265

currículo, 30, 36, 37, 38, 40, 58, 64, 74, 75, 77, 108, 112, 119, 120, 122, 125, 127, 128, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 144, 146, 147, 148, 172, 240

D

democratização, 61, 77, 84, 88, 91, 93, 125, 177, 186, 191, 262
desigualdades sociais, 61, 69, 71, 72, 77, 82, 83, 102, 103, 173, 175, 177, 179, 181, 186, 249, 263
diálogo, 7, 8, 9, 10, 31, 55, 56, 87, 90, 98, 119, 195
didática, 62, 146, 147, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 172, 179, 191, 197, 259
direito, 20, 30, 47, 50, 65, 71, 77, 78, 85, 96, 101, 102, 111, 113, 123, 124, 125, 140, 142, 167, 178, 184, 191, 194, 218, 238, 239, 241, 242, 243, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 256, 260, 261, 262, 263, 264, 275
direitos humanos, 47, 50, 109, 134
docência, 54, 62, 63, 66, 74, 81, 84, 87, 92, 146, 192

E

educação, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 112, 114, 115, 118, 119, 126, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 140, 143, 144, 151, 152, 153, 154, 156, 166, 171, 172, 174, 176, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 200, 201, 204, 205, 206, 208, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 223, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250,

251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 263, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 280

educativa, 10, 73, 80, 96, 180, 211, 245, 257, 265

ensino, 17, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 102, 106, 108, 112, 114, 125, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 208, 219, 220, 223, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 255, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273

médio, 15, 17, 21, 22, 25, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 118, 120, 127, 131, 133, 134, 141, 144, 151, 243

remoto, 61, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 189

ensino-aprendizagem, 153, 175

envelhecimento, 160, 165

escola, 4, 7, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 49, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 106, 108, 114, 115, 116, 129, 132, 137, 151, 153, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 182, 185, 188, 190, 194, 200, 201, 218, 236, 240, 243, 248, 249, 254, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 273, 275

pública, 7, 14, 21, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 53, 56, 62, 78, 80, 87, 88, 92, 94, 116, 218, 240, 249, 265, 269

estudantes, 4, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 30, 31, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 46, 52, 54, 62, 77, 79, 80, 81, 82, 85, 89, 90, 104, 107, 121, 122, 127, 132, 133, 147, 153, 171, 177, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 194, 195, 200, 201, 202

eugenia, 205, 206, 208, 209, 211

F

formação, 12, 14, 20, 23, 24, 25, 26, 30, 33, 37, 38, 39, 41, 43, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 102, 106, 109, 112, 115, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 141, 142, 143, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 162, 172, 173, 175, 177, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 193, 195, 197, 198, 204, 210, 220, 226, 227, 241, 257, 259, 260, 265, 266, 267, 272, 273

de professores, 54, 55, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 75, 76, 79, 81, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 146, 147, 149, 152, 153, 156, 204, 267

humana, 115, 173, 182, 187, 188, 190, 191

leitora, 193, 195, 197, 198

função social, 80, 173, 176

G

gênero, 7, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 68, 85, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 140, 141, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 213, 219, 221

gestão escolar, 19, 20, 30, 91, 92

H

história, 4, 9, 10, 11, 19, 39, 46, 49, 51, 55, 62, 85, 93, 97, 102, 109, 123, 128, 129, 130, 136, 138, 140, 144, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 162, 164, 195, 196, 199, 207, 211, 212, 219, 224, 225, 233, 234, 239, 249, 254, 256, 257, 263, 266, 270, 271, 273, 274, 275

em quadrinhos, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204

humano, 10, 16, 47, 50, 55, 67, 68, 71, 86, 139, 160, 164, 167, 178, 187, 198, 202, 219, 250, 274

I

identidade, 8, 30, 31, 53, 58, 62, 72, 96, 98, 100, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 135, 140, 143, 206, 226, 263, 264
impactos, 20, 45, 47, 158, 179, 191
imprensa
educacional, 272, 273
Paranaense, 257
independência, 16, 49, 102
instituições escolares, 34, 218, 273
invisibilidade, 47, 51, 143
isolamento, 45, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 178, 189, 190, 193, 194, 201
itinerários formativos, 33, 37, 38, 40

J

judicialização da educação, 238

L

legislação, 34, 63, 64, 76, 78, 85, 88, 89, 114, 216, 238, 242, 243, 254
leitura, 9, 23, 25, 35, 116, 120, 121, 124, 126, 133, 136, 143, 144, 158, 160, 178, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 219, 239, 241, 249, 255, 256, 258, 270, 271

M

mercantilização, 181, 186, 192
militarização, 14

N

neoliberalismo, 72, 103, 181, 182, 183, 184, 185, 190, 191, 192

P

pandemia, 4, 7, 105, 158, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 186, 187, 189, 193, 194, 195, 200, 202, 203, 204, 280

Paulo Freire, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 55
pensamento complexo, 172, 173
percepções dos estudantes, 16
pessoa com deficiência, 44, 45, 46, 47, 48, 52
plano de curso, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 132, 133, 137, 142, 143
prática pedagógica, 56, 57, 62, 80, 106, 153, 154
precarização, 64, 66, 181, 182, 185, 186, 188, 189, 190, 192
processo de adequação, 41
professor, 11, 17, 37, 39, 41, 42, 53, 56, 57, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 73, 74, 76, 80, 83, 84, 85, 86, 104, 105, 149, 152, 153, 154, 156, 169, 171, 173, 174, 176, 177, 178, 181, 185, 186, 187, 188, 201, 202, 207, 218, 259, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273
professores da rede pública, 106, 257
profissionais da educação, 60

Q

química, 55, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156

R

racismo, 4, 113, 139, 140, 141, 143, 205, 206, 208, 209, 280
reforma, 29, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 58, 64, 65, 66, 75, 76, 87, 89, 102, 176, 186, 226, 241, 243, 244, 246, 247, 256
retrocesso, 106, 246
revista “A Escola”, 257, 258, 259, 264
Rondônia, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 25, 26, 27, 28

S

sexualidade, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

V

viajante, 205, 207, 210, 212, 213, 214, 215, 216,
217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226,
230, 231, 232, 234



Contemporaneamente, a educação brasileira está envolta por tantas situações diversas, envolvendo todos os seus níveis e modalidades, que foi possível a composição desse terceiro volume da obra: “Educação: Dilemas Contemporâneos” – agora, há o foco no fazer pedagógico, diversidade na educação, racismo, histórias em quadrinho, educação em tempos de pandemia, entre outros assuntos.

ISBN 978-658831930-7



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br